

## Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados

Miriam Adelman<sup>1</sup>

**Resumo:** Se o imaginário romântico moderno constrói uma fronteira nítida entre o amor e o “interesse material” ou entre os que fazem sexo “por amor” ou “por dinheiro”, algumas perspectivas sociológicas, antropológicas e psicanalíticas revelam um cenário bem mais complexo. A partir da sociologia do dinheiro sugerida pela estudiosa argentina Viviana Zelizer e outros autores/as que expandem as reflexões simmelianas sobre dinheiro e afeto, mercado e subjetividade, tento problematizar as concepções que dicotomizam estas relações, faço uma breve discussão da “poética e política” do amor e trago alguns estudos etnográficos contemporâneos que focalizam as experiências de pessoas que procuram parceiros sexuais e amorosos, “dentro” e “fora” de relações mercantilizadas, para pensar além de categorias binárias e divisões “enganosas”.

**Palavras-chave:** Amor, emoções, dinheiro, sociabilidade, teoria social contemporânea.

### **For money or for love? Emotions, discourse, markets**

**Abstract:** *If the modern romantic imagination has built clear boundaries between love and “material interest”, or between those who have sex “for money” or “for love”, contemporary sociological, anthropological and psychoanalytic perspectives reveal a scenario of much greater complexity. Inspired by work of scholars such as Viviana Zelizer who expand classical reflections on the relationship between money and intimacy, market and subjectivity, I re-visit these problems and pairs.*

1 Departamento de Ciências Sociais da UFPR – Pesquisadora do CNPq.

*Then, through both literary works and contemporary ethnography, I discuss the “politics and poetics” of love and examine some of the ways in which experiences which are commonly held to be made of “different material” may perhaps share much more than has customarily been admitted.*

**Keywords:** *love, emotions, money, sociabilities, contemporary social theory.*

O mundo acha que as mulheres são interesseiras. E os homens não são? Todo o homem exige da mulher um atributo fundamental: a beleza. As mulheres exigem dos homens outro atributo: o dinheiro. Qual é a diferença? Só os homens podem exigir e as mulheres não?

Paulina Chiziane, *Niketche*.

No difícil desafio de navegar, individual e coletivamente, as instáveis águas da existência pós-moderna, não surpreende que proliferem diversos tipos de tentativas de se apegar “ao sólido”, principalmente porque estas continuam respaldadas por um imaginário histórico romântico só parcialmente interrompido pelo surgimento posterior dos “modernismos”.<sup>2</sup> Tanto na literatura quanto nas diversas mídias modernas e na própria teoria social, modalidades românticas do “pensar e sentir” nunca desapareceram. Assim, perante os inúmeros desafios e tragédias da vida social do século XX – e agora, do século XXI – tais perspectivas podem ainda resultar tentadoras. Nostalgicamente desejosas de achar um “refúgio do mundo cruel”, procuram um cenário mais reconfortante do que ter que assumir “a vida líquida” e encarar, nesta, um projeto de construir sociabilidades e significados menos pautados em regras e fórmulas.

Contudo, na teoria social, onde se objetiva um olhar crítico que capte a complexidade, este tipo de discurso pode ser menos convincente – ainda mais após várias décadas de avanço das metodologias e epistemologias desconstrutivistas. Estas últimas, em grande parte, vêm alertando para a necessidade de reavaliar categorias dicotômicas tomadas durante longos anos como pressupostos

2 Segundo Cantor (1997), modernismo emerge da crise da sociedade em que consolidou-se o romantismo: uma visão cultural pautada em esferas separadas, fronteiras estáveis e lares protegidos, em noções de “ordem e progresso começa a ser questionada por artistas, filósofos e escritores que percebem a estreiteza dos caminhos que oferecia, o caráter opressivo dos papéis e regras que ditava, assim como a falência dos seus mitos sobre a vida social.

teóricos assim como as fronteiras que supostamente separam, com relativa impermeabilidade ou nitidez, pessoas, grupos, culturas, “sexos”, nações etc.

E não é só na teoria social que os esforços para traçar uma fronteira estável, nítida e necessária entre afeto e interesse, autêntico e “falso” – e outros pares igualmente problemáticos ou enganosos – realmente cedem lugar a perspectivas que captam melhor a complexidade, as ambivalências, as contradições e paradoxos da vida moderna e o mundo contemporâneo. Em diversos espaços da produção cultural contemporânea, emergem vozes e olhares que apontam para as estratégias criativas que pessoas adotam ao atravessar as fronteiras das “lógicas”, práticas e normas sociais, conscientemente ou não. A literatura, de maneira parecida com a etnografia, pode ser muito reveladora de como as experiências das pessoas constantemente misturam, invertem e ultrapassam normas e barreiras, trazendo à tona a necessidade nossa de olhar mais de perto as dinâmicas sobre as quais teorizamos. É nesse sentido que citei, na epígrafe, a moçambicana Paulina Chiziane, romancista que escreve desde uma cultura “híbrida” e pós-colonial, focalizando alguns dos engodos mais tragicômicos das nossas culturas sexuais e suas (nossas) subjetividades “generificadas” e oferecendo uma crítica radical que muito inspira uma discussão conceitual sobre amor, sexo, casamento, família/afeto e mercado(s). O objetivo do presente texto é identificar e discutir algumas das alternativas neste sentido.

## Afeto e mercado: olhares sociológicos

Conforme sugeri acima, algumas correntes da sociologia contemporânea nos desafiam a *reconsiderar fronteiras*, tanto as que as categorias teóricas estabelecem quanto as que separam as pessoas, os espaços e os momentos da vida social. As teorias pós-estruturalistas contemporâneas fizeram muito para inovar, metodologicamente, criando novas *epistemes* para uma complexidade que demanda concepções mais fluídas, nuançadas e multifacetadas das relações sociais, desafiando alguns dos binômios e dicotomias que desempenharam um papel tão importante no momento “clássico” (e estruturalista) das nossas disciplinas e permitindo que nos aproximemos mais das dinâmicas da vida que sempre correm alguns passos à frente dos nossos esforços de captá-las.

Entre as muitas tentativas de repensar os conceitos e as armadilhas “ideológicas” que desafiam a tradição sociológica a refletir mais sobre alguns famosos pares – público e privado, mercado e afeto, interesse e amor – um dos esforços mais consistentes e bem-sucedidos pode ser encontrado no trabalho da socióloga argentina Viviana Zelizer. Por meio de sua obra já bastante reconhecida,

Zelizer retoma a herança simmeliana da sociologia do dinheiro e dá vários passos para diante. Como é que o dinheiro entra nas relações íntimas? Em primeiro lugar, Zelizer nos encaminha à desconstrução da própria noção de afeto/intimidade que no senso comum, e por vezes na própria sociologia, costuma ser antes naturalizada do que examinada como fenômeno ou conceito. Muito acertadamente, ela esclarece que o termo “intimidade” pode implicar “*caring attention*” [atenção orientada ao cuidado] mas não necessariamente se resume a esta. Pode, de fato, incluir inúmeras e diversas atitudes, desde o amor e a atenção até a crueldade e as diversas formas de abuso que, sabemos, também fazem parte de muitas relações “íntimas”. Perante quem associe “intimidade” com o que há de “mais autêntico” no relacionamento humano, ela oferece uma discussão mais crítica e desmistificadora sobre o que significa “autenticidade”:

E a autenticidade? Analistas de relações interpessoais frequentemente distinguem entre sentimentos reais e verdadeiros, desprezando a simulação com termos como *pseudo-intimidade* e *gerenciamento das emoções*. Se nutrem muitas vezes da ideia de que a rotinização da expressão emocional em trabalhos como garçomete, comissário de bordo ou vendedor(a) priva as relações sociais de sentido e prejudica a vida interior das pessoas envolvidas neles. Entre mais nos aproximamos à intimidade, contudo, mais saltam à vista as duas falhas contidas neste raciocínio. Em primeiro lugar não há nenhuma pessoa “real” que existe dentro de um corpo dado; sentimentos e significados variam de maneira significativa, compreensivelmente, e de maneira apropriada, de uma relação interpessoal a outra. De fato, os sentimentos e significados que surgem regularmente nas relações entre mãe e filho podem atrapalhar de maneira séria na relação entre amantes. Em segundo lugar, a simulação de sentimentos e significados por vezes vira uma obrigação, ou pelo menos um serviço, em alguns tipos de relação. Considerem as relações entre filhos adultos e seus pais que envelhecem, ou entre enfermeiros e seus pacientes terminais [tradução minha]. (2005: 17)

Neste sentido, a perspectiva de Zelizer mantém afinidade com a dos estudiosos que entendem as emoções mais no sentido de “*situated communication*” – uma perspectiva desenvolvida na antropologia por pessoas como Catherine Lutz e Lilá Abu Lughod (1990), entre outras.<sup>3</sup> Zelizer examina a crença comum

3 Notamos, contudo, que esta perspectiva também tende à unidimensionalidade, na medida em que perde de vista a experiência do afeto e das emoções pelos sujeitos, como vivência profunda (cf. a crítica de Nancy Chodorow, 1999).

– que orienta não só o “senso comum” senão, como ela indicará, está enraizada em várias perspectivas sociológicas, incluindo a teoria crítica (neo)marxista – segundo a qual o interesse econômico representa uma ameaça constante que paira sobre a esfera mais “pura” de relações de afeto.

De maneira correlata, a intimidade poderia ser vista como algo que ameaça contaminar a atividade econômica ou profissional, a qual – à maneira da tipologia clássica weberiana – deve ser racional, imparcial, eficiente, e guiada e conduzida por critérios “neutros e objetivos” etc. Evidentemente, o objetivo de Zelizer não é o de construir uma apologia do capitalismo contemporâneo, mas fornecer uma perspectiva mais realista às visões mais apocalípticas que enxergam, no atual momento pós-moderno, o colapso de possibilidades de sociabilidades não pautadas no uso e na instrumentalização. O que ela questiona é, em efeito, uma epistemologia da pureza, que impede a percepção de como as pessoas realmente lidam com os diversos elementos que estruturam seu cotidiano, no mundo contemporâneo.

É neste sentido que ela diz “...as pessoas frequentemente misturam atividade econômica e intimidade. Ambas muitas vezes se sustentam mutuamente. Você terá dificuldade para entender a coexistência da economia e da intimidade se você partir da ideia de que o interesse econômico determina todas as relações sociais, ou se imagina que o mundo se separa nitidamente nas esferas da racionalidade e do sentimento, ou se você entende a intimidade como uma planta delicada que só consegue sobreviver atrás dos grossos vidros de um viveiro” (2005: 2). Na sequência, ela se indaga pelos motivos que esta relação produz tanto desassossego; por quê, por exemplo, preocupa-se tanto com os efeitos de introduzir o dinheiro numa relação íntima – amizade, casamento ou mesmo a relação entre pais e filhos – quando poderíamos reconhecer que “as pessoas vivem vidas conexas e... muita atividade econômica é exigida para criar, definir e sustentar os laços sociais”. Mais ainda, quando as pessoas incorporam o dinheiro nos processos de construção de laços sociais, isso muitas vezes implica numa transformação no próprio sentido dado ao dinheiro – que passa de um meio de troca “impessoal” para incorporar a lógica da dádiva: “...todos nós usamos a atividade econômica para criar, manter e negociar laços importantes – especialmente os laços íntimos – que mantemos com outras pessoas” (2005: 3).

Zelizer identifica três abordagens principais na teoria social e econômica contemporânea sobre a relação entre mercado e sociabilidade. A primeira é a de *esferas separadas*, que as concebe como mundos opostos ou até hostis, regidos por lógicas diferentes e “rivais”. Esta é mesma visão que foi tão cuidadosamente articulada e apoiada por doutrinas vitorianas, uma divisão não só naturalizada

senão genericada, por meio da atribuição do masculino à esfera pública e do feminino à esfera privada. Seus pressupostos são incorporados de certa forma à sociologia weberiana, que contrapõe formas de ação (a instrumental ou burocrática, seria paradigmática do capitalismo moderno, mantendo-se como lógica dominante na convivência com outras formas de ação, aquelas ligadas ao sentimento o ao “carisma” pessoal).

A segunda perspectiva poderia ser considerada como monista, pois em vez da tensão ou conflito entre duas esferas, sugere que atrás do aparente dualismo esconde-se um princípio único, mais forte, seja cultural, social ou política: “...o aparentemente separado mundo das relações sociais íntimas... nada mais é do que um caso especial de algum princípio geral: nada além de racionalidade econômica, nada além de cultura, nada além de política” (2005: 29). Desta maneira, por exemplo, as relações de cuidado ou amizade podem ser traduzidas como “caso particulares” de jogos de interesse, ou – numa vertente mais psicanalítica (ou seja, cultural) o suposto “interesse” seria realmente uma busca de amor ou de reconhecimento – ou seu pobre e falido substituto.

Para Zelizer, este tipo de argumento, “nada mais é do que...” representa uma tentativa de evitar dualismos que sucumbe de novo a uma dificuldade de lidar com a complexidade. Mas, esta perspectiva pode também colocar-se de maneira mais sutil, e desta maneira, ajudar a iluminar tensões importantes entre diferentes dimensões ou aspectos da vida. Como já sugeri, a psicanálise – que insiste de maneira convincente na ambiguidade e no caráter contraditório ou paradoxal da vida afetiva, dando centralidade ao corpo e às emoções na estrutura psíquica – pode sugerir que a dinâmica cultural mais forte seria a de “usar o dinheiro para obter amor” do que o contrário, na medida em que identifica a busca do reconhecimento e do afeto como as necessidades psíquicas e emocionais mais profundas do ser humano, que busca suprir faltas e perdas. Desde essa ótica, usar “o amor para obter dinheiro” seria um deslocamento, uma denegação daquilo que a pessoa realmente precisa.

Nesta mesma direção, podemos pensar no trabalho de uma outra socióloga, Arlie Hochschild, que ao longo da sua trajetória intelectual – estudando gênero e família, o mundo do trabalho, e mais recentemente, como estes se junto em contextos globalizados de (i)migração (2004) – vem contribuindo bastante para a construção de uma sociologia das emoções. Hochschild, ao examinar como é que o dinheiro entra nas relações entre casais e famílias, sugere um conceito interessante – a “economia da gratidão” – uma economia simbólica por meio da qual as pessoas medem, comparam e avaliam (consciente e/ou inconscientemente) o que dão e o que recebem uns dos outros. Com isso, ela demonstra quão frequente

é para uma pessoa usar o dinheiro, um bem ou um recurso material como dádiva e expressão de gratidão numa troca essencialmente afetiva. Nestas trocas de afeto por meio de dinheiro, do tempo, de atitudes e de bens materiais e simbólicos, não só fica evidente quão difícil que é fazer cálculos de “equivalências” (as coisas que se trocam nunca serão equivalentes, por muito que nossa cultura nos diga que teriam que ser) senão que se abre muito espaço para sentimentos de confusão e raiva, ressentimento e mágoa, porque nos resulta muito difícil lidar com a forma que estas dinâmicas misturam elementos tão díspares.

Em terceiro lugar, Zelizer nomeia a perspectiva que assinala como sua, a de “vidas conectadas” (*connected lives*). Na discussão que ela faz sobre esta abordagem, que tenta captar o complexo jogo de elementos que tensionam nossas vidas de maneiras diferentes embora interconexas, ela faz uma consideração importante: justo pelo trabalho intenso que as pessoas (impelidas pelo senso comum da nossa cultura) fazem para demarcar as fronteiras entre “as categorias de relação que contém elementos comuns”, justo porque as pessoas se sentem ameaçadas pelo apagamento destas fronteiras, tende a reforçar-se a doutrina dos “mundos hostis” e opostos” (2005: 36). Fronteiras que – podemos acrescentar – quando se tratam dessa intimidade que contempla também as relações de sexo e sexualidade, trazem uma ameaça particular. A longa tradição ocidental que procura separar, moralizar e disciplinar “o sexo” já o constrói como particularmente suspeito, e sujeito ao escrutínio que vai classificá-lo de acordo a categorias específicas de “sexo bom” e “sexo ruim”.<sup>4</sup> É uma divisão disciplinar altamente sensível no sentido de sustentar definições normativas, que outorgam “normalidade” e inteligibilidade a alguns e negando as mesmas aos outros. Desta maneira, emerge o risco, e daí, o medo que as pessoas sentem em passar (ou serem passadas) do lado da legitimidade para o do estigma, do “perverso”, “patológico” ou sexualmente transgressor.

De fato, tanto Zelizer ou Hochschild nos fornecem *insights* necessários para *relativizar* as fronteiras entre supostas lógicas do público e do privado, interesse e sentimento, autenticidade e manipulação, e assim por diante. Evidentemente,

---

4 Na já clássica definição de Gayle Rubin (1984), a autora assinala os comportamentos que fazem parte do “círculo encantado” do “sexo bom”. Contudo, o sexo em si tende para o lado “do ruim” e do moralmente suspeito, pois como ela diz: “*This culture always treats sex with suspicion. It construes and judges almost any sexual practice in terms of its worst possible expression. Sex is presumed guilty until proven innocent. Virtually all erotic behavior is considered bad unless a specific reason to exempt it has been established. The most acceptable excuses are marriage, reproduction and love. Sometimes scientific curiosity, aesthetic experience or a long term intimate relationship may serve. But the exercise of erotic capacity, intelligence, curiosity or creativity all require pretexts that are unnecessary for other pleasures, such as the enjoyment of food, fiction or astronomy.*” (278)

há outros sociólogos contemporâneos que participam, e participam *apaixadamente* destes debates.<sup>5</sup> A maior parte deles e delas se esforçam – e não sem certo sucesso – para captar tensões e complexidades. Ao mesmo tempo, uma boa parte desses interlocutores acabam se posicionando de um lado ou outro de um debate que pode ser compreendido como uma disputa sobre a forma em que “o capitalismo corrompe o sentimento” ou, do outro lado, de como o ideário moderno possibilitaria uma nova – mais autêntica, livre ou pura – forma de amar. Na medida em que as questões de gênero permanecem pouco teorizadas ou até invisibilizadas nestes debates, acentua-se ainda mais a tendência de radicalizar a oposição, perdendo assim importantes nuances.

O brilhante livro escrito pela socióloga marroquina Eva Illouz, *Consuming the Romantic Utopia* (1997), premiado pela *Associação Sociológica Americana*, tornou-se objeto da análise crítica do sociólogo brasileiro Sérgio Costa, mas ambos podem servir para ilustrar alguns dos problemas comuns às discussões sociológicas sobre amor, afeto e mercado. Costa expressa sua insatisfação com a noção que informa todo o trabalho de Illouz: seu argumento sobre o forte encontro entre o amor romântico e mercado capitalista, que produz, como resultado histórico, “*um par bem resolvido*”. Na verdade, Illouz trabalha a partir de uma concepção histórica que parte da apreciação comum que o amor romântico se levanta, num primeiro momento na história da modernidade, em certa oposição à uma antiga lógica de casamentos ditado por interesse econômico (elites) ou por tradição (entre os grupos populares). A influente tese de Luhmann, para quem a invenção do amor romântico teve menos a ver com “sentimento” e tornou-se mais um “código” de comunicação (apud Illouz, 1997: 170), vem aqui ao encontro, enquanto também ressalta a importância desta forma de subjetivação para o nascimento do indivíduo moderno e sua afirmação como um sujeito que *escolha* seu destino. Illouz, por seu lado, reconhece a dimensão ativa, “utópica” do amor romântico que pode posicioná-lo em oposição às regras ou exigências utilitárias da ordem social, mas tenta demonstrar como estas

5 A tese de Anthony Giddens sobre relações íntimas “plásticas”, “desencaixadas e portanto, depuradas de obrigações institucionais instrumentais herdadas me parece, em grande parte, coerente com a visão de Zelizer, porque neste sentido, “pureza” não diz respeito a uma oposição entre o instrumental e o sentimental, economia e afeto, e também porque ele insiste na interação (dialética, tensionada) entre “intimidade e sistemas abstratos” (*As Consequências da Modernidade*, 1991, p. 143) O “reencaixe” num contexto “reflexivo” deve permitir emergir distintos tipos de projetos – e de maneiras de combinar questões práticas e afetivas, materiais e emocionais, de acordo às circunstâncias e às subjetividades. A “sexualidade plástica” surgida neste contexto, separada de seu “encaixe” na lógica reprodutiva do ocidente pré-moderno, pode ser vivida fora ou dentro do “amor (romântico)” e tende a livrar-se de oposições e restrições normativas.



características a permitem expressar-se, de forma muito menos “subversivas” hoje<sup>6</sup>, nas experiências e linguagens contemporâneas de consumo. Embora Costa não deixe de reconhecer a profunda penetração das práticas amorosas pelos produtos, serviços e ideologias do mercado no entanto, (“Como prática cultural, o amor romântico está incorporado num amplo leque de produtos, objetos, locais e rituais...”), ele volta (de uma maneira mais romântica) para Luhmann, para defender a ideia da “irredutibilidade”<sup>7</sup> da experiência amorosa à “lógica do mercado”:

Só mesmo em uma de suas dimensões o amor romântico parece refratário ao mercado: a de interação mediada por um código especial. Para que se configure a relação romântica é necessária a criação de um âmbito de comunicação (improvável) que destaque e aparte os amantes do entorno social. A presença desse código de comunicação especial distingue consumidores de amantes que utilizam rituais e produtos sob o signo do amor. (Costa, 2005: 124)<sup>8</sup>

O mercado, Costa diz, fornece aos amantes elementos para seus rituais; porém, não tem o poder de *gerar* o sentimento, ou “energia amorosa”, que, ele repete, se vive por meio dos “códigos singulares” que os amantes constroem”. Emerge, desta maneira, como um algo “mais autêntico”, mais verdadeiro, e, aliás, como um código que parece estar um tanto fora de acesso à maior parte das pessoas – mais “consumidores” do que “amantes”. Seguindo Chodorow (1999) eu concordaria que haja uma dimensão “emocional profunda” da vida – no sentido que ela o entende, momentos formativos da nossa estrutura psíquica e emocional que pesam na vida de todas as pessoas, experiências primárias não redutíveis à “produção discursiva” de emoções (discursos que circulam culturalmente, mais ou menos filtrados ou refratados pelo mercado), mesmo mantendo relação a ela. Mas isto me parece um argumento mais “antropológico” – que fala sobre como as pessoas se tornam sujeitos de uma determinada cultura

6 Illouz identifica a dimensão utópica do amor romântico como ligada à “liminalidade” – rituais que testam os limites entre o que se pode permitir e aquilo que ameaça a ordem social, argumentando que: *“Paradoxically, in contemporary culture the liminal inversion of the social order and the opposition to utilitarian values affirmed by romantic love are shaped by the market [i.e. consumption, in tension with production]. In particular, meanings contained in the consumption of leisure temporarily overturn the conditions set by work, money, and exchange. Through its incorporation in the sphere of leisure, contemporary romantic love remains deeply entrenched in that tradition affirming the disorderly individual against the well-regulated group, only now this affirmation is expressed in the consumerist idiom of post-modern culture”.* (p. 10)

7 ... de tal maneira que seria melhor desistir de insistir nesta forma de “autenticidade”, me parece...

8 Seu texto se finaliza com estas palavras: “Nesse sentido simbólico-expressivo, a obliteração das fronteiras entre mercado e interação amorosa significaria o fim do amor romântico.” (Costa, 2005: 124)

e onde nisto situam-se as experiências individuais e singulares de cada biografia. O argumento de Costa não me parece esclarecer esta dimensão, ao mesmo tempo que remete, para sua versão do amor, à antiga análise frankfurtiana da oposição entre a indústria cultural e formas culturais elitistas, vistas estas como as mais “autênticas” e menos alienadas.

Em segundo lugar, se é evidente que nossos “códigos íntimos” são fruto do encontro de nossas experiências singulares com os discursos socialmente circulantes (as hegemônicas e outras), não seria melhor ir além do “par” e abrir a questão para outra, mais ampla, sobre como podemos construir subjetividades e sociabilidades em “interrupções subversivas” – seja em relação a uma pessoa, quatro pessoas, ou outros grupos ou espaços de vida? Será que a chave a uma experiência tão poderosa, ou tão empoderadora, precisa atrelar-se à possibilidade do casal de amantes? Neste ponto, me parece, tanto Costa quanto Illouz fariam bem em examinar os discursos e práticas românticas à luz das contribuições bem mais “desconstrutivistas” da crítica feminista/*queer*, que nas últimas décadas analisaram as dimensões (e os custos) generificados da cultura do amor romântico.

Um pouco mais adiante, vou revisitar algumas discussões feministas clássicas a respeito, mas aqui cabe assinalar o problema inerente em focalizar a história do amor em termos só do capitalismo e sua gênese histórica, como se não se tratasse de um dos cenários onde, da maneira mais emblemática, se produz a interseção de questões de gênero, classe (e de heteronormatividade e relações raciais, entre outras). Desde este outro olhar, diferentes tipos de casais e de uniões, representam reprodução ou desafio de uma ordem social, normatividade e domesticação (a domesticação “burguesa e patriarcal” das múltiplas possibilidades de relação e vínculo afeto-sexual). Por outro lado, “amor”, “amor romântico” e “desejo” merecem considerações específicas, pois podem ser muito diferentes uns dos outros. Não há porque pressupor uma convergência e, muito menos, uma convergência duradoura e heteronormativa, entre os três. Martha Fineman (1995) já fez uma excelente análise de como o Estado moderno reconheceu um tipo de vínculo – o par heterossexual que mantém uma relação sexual exclusiva – como (único) sítio onde o desejo poderia legitimar-se, codificado portanto como amor e embutido nas leis sobre família, propriedade e casamento e tornando-se a base da vida familiar, a despeito de todas as outras possibilidades. Mas, ela nos sugere, poderíamos olhar para esse tipo de arranjo com *estranhamento* em lugar de naturalização, pois “[não faz] sentido que é a mais tênue, menos permanente de nossas relações íntimas a que ganha a

posição mais significativa e privilegiada nas instituições públicas e privadas – subsidiada nos níveis ideológicos e económicos” (Fineman: 4).

Por outro lado, se não há porque imaginar que nenhum tipo de vínculo de amor/desejo se mantenha à margem dos rituais e discursos que o mercado faz circular, alguns parecem tensionar a ordem social mais do que outras – particularmente se pensarmos em perspectiva histórica, sobre o regime social e cultural que antecede o atual momento pós-moderno. Talvez então, isto se explique menos a partir do conceito de “capitalismo” e mais a partir daquilo que Gayle Rubin (1975), tantos anos atrás, tentou identificar como “a ordem de sexo/gênero”.

*“If you can’t be with the one you love, honey, love the one you’re with...”*

(a poética e a política do amor)

Em tempos ainda não muito longínquos, a política e estética do movimento da “contracultura” – herdeiro também de movimentos culturais anteriores<sup>9</sup> – questionou a *redução das possibilidades amorosas ao par* sancionado pela instituição do casamento. A teoria feminista e a teoria *queer* vieram logo em seguida a enveredar essa crítica por novos rumos. Abriu-se um novo espaço, nas sociedades que chamamos desde então de “pós-modernas”, para fortes questionamentos – teóricos e práticos – das definições hegemônicas sobre quem pode amar, quem “tem licença” para o sexo, quais as formas socialmente inteligíveis de amor e sexo. E, como argumenta Weeks (2007) tanto nos seus aspectos de movimento social quanto de movimentos teóricos e culturais, não tiveram pouco impacto sobre como vivemos hoje. Embora haja diversas possibilidades em quanto como fazemos o balanço de várias décadas de teoria e política, é claro que estes movimentos e correntes estabeleceram o cenário das lutas – simbólicas e “materiais” – que continuam marcando nosso ser e estar no mundo atualmente.

A crítica feminista às noções modernas do amor romântico tem uma história quase tão longa quanto as próprias relações de amor e família às quais se refere. Vale lembrar, por exemplo, as críticas de feministas do final do século XIX e início século XX – época em que as doutrinas vitorianas de esferas separadas entram em crise – que argumentavam que o “verdadeiro amor” era uma

9 Desde as críticas anarquistas do final do século XIX, o círculo de Bloomsbury modernista na Inglaterra aos escritos da geração Beat nos EUA nos anos 40 e 50, diversos movimentos de “vanguarda” exprimiam seu descontentamento ou desinteresse nas formas de amor e família produzidas pela cultura burguesa clássica e “disciplinar”.

impossibilidade cultural diante do contexto de profunda desigualdade de gênero, e mais ainda, dentro da instituição convencional do casamento. Nas palavras radicais da anarquista, feminista Emma Goldman, judia russa que morava nos Estados Unidos na época:

A noção que prevalece sobre o casamento e o amor é que são sinônimos, brotando dos mesmos motivos e cobrindo as mesmas necessidades. Como a maior parte das noções populares isto não se apoia nos fatos senão na superstição... O casamento e o amor não têm nada a ver o um com o outro, são tão distantes um nos outro como os polos, na verdade são antagônicos. Sem dúvida alguns casamentos foram o resultado do amor. Não, portanto, porque o amor só consegue se afirmar no casamento; antes por que são poucas pessoas que conseguem ir completamente além de uma convenção. Hoje em dia há grande números de homens e mulheres para os quais o casamento é apenas uma farsa, mas que se submetem a ele por causa da opinião pública. De qualquer maneira, embora alguns casamentos baseiam-se no amor, e é igualmente verdade que em alguns casos o amor se mantém dentro da vida do casamento, eu mantenho que isto acontece independentemente do casamento, e não por causa dele.<sup>10</sup>

Enquanto muitas escritoras da “Segunda Onda Feminista” reforçavam a denúncia do amor romântico como ideologia e peça-chave na dominação masculina, teóricas feministas inspiradas na psicanálise, como Nancy Chodorow (1999, 2001) e Jéssica Benjamin (1988), se debruçaram sobre as assimetrias de gênero institucionalizadas que predisõem as mulheres a tornarem-se “especialistas no amor”, com seus respectivos custos. Os custos, a sua vez, não seriam poucos, senão que reproduziriam toda uma série de desvantagens e desencontros, ligadas à maneira diferenciada em que se produzem subjetividades masculinidades que, segundo autoras como Chodorow (1999) e Gilligan (1982), seriam mais aut centradas, e subjetividades femininas mais orientadas para o cuidado dos outros (a “reprodução da maternagem”, nas palavras de Chodorow).

Desde uma perspectiva menos psicanalítica, sociólogas como Hochschild (2003) identificaram uma “divisão emocional “do trabalho”, que conduz a investimentos diferenciadas nas esferas de trabalho (extradoméstico) e da família. Quando, como frequentemente acontece, as mulheres se especializam no “amor” – como mães, esposas e companheiras – os custos podem ser enormes, desde preocupação constante que tire a atenção de outras tarefas e projetos, até a frustração

10 Disponível em: <[http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist\\_Archives/goldman/aando/marriageandlove.html](http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/goldman/aando/marriageandlove.html)>.

intensa de não se sentirem correspondidas ou recompensadas por um tipo de trabalho que dificilmente seja reconhecido como tal. Talvez isto pese de maneira particular nos contextos de sociedades nas quais o modelo de “*Companionship marriage*” – dois cônjuges compromissados com a manutenção da vida em comum como projeto de “companheirismo” e apoio mútuo (cf. Cancian, 1987).

Na verdade, são muitos os escritos que desde as ciências e a literatura identificam o lado mais sombrio das promessas do amor romântico, que segundo a romancista mexicana Rosário Castellanos, pesa de forma muito culturalmente diferenciada sobre a vida de homens e mulheres. Sua peça *El eterno femenino* (1975) – uma re-narração da história mexicana a partir de personagens femininos de diversas épocas, que se encontram dentro da peça e em diálogos quase tragicômicos, fazem um acerto de contas com a história oficial satirizando estes efeitos discursivos de maneira realmente genial. Neste trecho, a seguir, Lupita, uma jovem “moderna” e prestes a se casar, faz um passeio fantástico pelos labirintos de vários séculos para observar uma conversa com várias mulheres que, na “lenda” da história oficial (e com a exceção de Sor Juana), se realizaram ou foram reconhecidas a partir dos seus vínculos íntimos com “homens importantes”:

*Lupita: Y el romance?*

*Malinche: Cual romance?*

*Lupita: Usted estaba enamorada de Cortés, del hombre blanco e barbado que vino de ultramar.*

*Malinche: Enamorada? Que quiere decir eso?*

*Sor Juana: (didáctica) Probablemente la señorita se refiere al amor, um producto netamente occidental, una invención de los trovadores provenzales y de las castellanas del siglo XII europeo. Es probable que Cortés, a pesar de su estancia en Salamanca, no lo haya conocido ni practicado.*

*Malinche: Por lo pronto, no lo exportó a América.*

*Sor Juana: Ya lo sabemos. El amor es algo que no tiene que ver con la cultura indígena.*

*Carlota: Ni con el recato monjil.*

*Sor Juana: Es por eso que cedo la palabra a quien posee experiencia: a mi colega, Rosário de la Peña, alias Rosario, la de Acuña.*

*Josefa: Colega?*

*Sor Juana: Por aquello de que a mi se me llamó la Décima Musa y ella fue la musa de una pléyade de poetas, de intelectuales.*

*Rosário: Oh, si, por mi salón pasaron los hombres más notables de la época. Aunque he de admitir que la época fue bastante mediocre. Guardo en mi álbum los autógrafos de todos ellos. Me admiraban, me rendían homenaje, me llamaban la inspiradora de sus obras.*

*Sor Juana: Pero la celebridad mayor se la debe Usted a Manuel Acuña. Se suicidó por Ud., no es cierto?*

*Rosário: Eso lo dice la lenda. Pero como todas las leyendas, miente. Lo que le voy a contarles es la verdad.*

De forma interessante, a versão da história que a personagem Rosário conta a seguir, nada mais é do que uma sátira ao amor idealizado onde a mulher-musa aparece como construção imaginária útil para a criação artística e literária dos homens – em contraposição às “mulheres reais”, as de carne e osso sobre as quais também falou com tanta eloquência Simone de Beauvoir – cujos desejos e necessidades mais mundanas, mais urgentes, até mais parecidos com os seus (dos próprios homens), eram facilmente ignoradas. Mas para Castellanos, assim como para Paulina Chiziane – talvez mais do que para de Beauvoir – as mulheres podem acordar dos seus sonhos românticos para tocar suas vidas.

De maneira necessariamente mais explícita e menos brincalhona do que pode ser a literatura, a sociologia e a antropologia das emoções também procuram uma maneira de entender o que sentimos, como sentimos, construindo um caminho para além de mitos e preconceitos. Se as sociedades ocidentais modernas, que como Luhmann já argumentou de forma tão brilhante, veicularam o amor romântico como elemento-chave na construção do indivíduo, deram a este um *status* altamente naturalizado e “essencializado”, é isto que permite que este tipo de amor seja entendido como um (o) valor supremo que resiste o mundo cruel e competitivo do capitalismo. Mas, o fôlego propriamente desmistificador das ciências sociais já nos ajudaria a perceber como emoções se constroem como relações sociais em contextos historicamente variáveis, o foco contemporâneo sobre as emoções pode partir de abordagens diferentes.

Perspectivas pós-estruturalistas atuais, como nos alerta Resende sugerem a compreensão d’“os discursos emotivos como práticas situadas em jogos de relações sociais e negociações de poder. Com isso, a emoção deixa de ser vista como experiência interna, subjetiva, para ser analisada como prática discursiva com efeitos externos, extrapolando o chamado domínio do privado” (2002:89). Pensado sob esta óptica, o amor romântico tomaria a forma de prática discursiva com *efeitos de poder particulares*, e como *prática situada* dentro de um jogo de relações de gênero, isto é, num contexto de normas culturais e históricas vinculadas à noções de masculino, feminino, acasalamento, reprodução, heteronormatividade e família.

Mais o amor seria somente “comunicação situada”? Como assinalei acima, Nancy Chodorow, no seu segundo grande livro, *The Power of Feeling*, sem negar

o elemento discursivo que compõe nossa vida emocional, mas assinala os riscos de perder a possibilidade de compreender sua força. O amor, assim como outras emoções como ódio, raiva, e afeto, são elementos fundamentais constitutivos da subjetividade individual, vivenciados intensamente por sujeitos individuais. A manifestação das emoções nas relações intersubjetivas e na vida social cotidiana mobiliza também intensos esforços de controle e de (auto)disciplinamente. Parece, portanto, necessário, como Chodorow insiste, reconhecer a “existência de uma esfera não redutível de vida psíquica na qual constroem-se os significados pessoais e não conscientes” (2001: 1). entre os quais, o amor e o desejo.

De novo, podemos sentir-nos mais tomados por dúvidas e inquietação do que avançando em direção a descobertas não ambíguas. O amor, em si, é grande tema da literatura, da filosofia e da arte. As ciências sociais se aproximam dele, querendo talvez desvendar seus mistérios, o que talvez não seja nem possível tampouco desejável. Pensar sobre o amor, de qualquer forma, pode iluminar muitos outros aspectos da vida social particularmente complexos, como dizem os autores de uma coletânea recente que busca situá-lo dentro de um contexto de práticas sociais contemporâneas:

O que é o amor? Uma virtude? Uma forma de conhecimento? Um instinto? E o que será que a contemplação do amor ilumina sobre experiências humanas fundamentais como intimidade, os laços sexuais e maritais, as relações de gênero, o parentesco, o consumo e o prazer?... O amor é uma lente particularmente útil para a análise social, nos fornecendo uma janela de onde olhar para as interconexões complexas entre os domínios culturais, econômicos, interpessoais e emocionais da experiência. (Padilla et.al, 2007: ix)

### Captando complexidades: novos estudos sociológicos e antropológicos.

No romance *Niketche* da escritora moçambicana Paulina Chiziane, o amor, o dinheiro e o sexo – a necessidade que mulheres e homens têm dos três – se entrelaçam e se confundem. Neste sentido, sua visão se aproxima do crescente número de pesquisas e estudos na sociologia e antropologia contemporâneas que contribuem para repensar as relações entre amor (emoção, ou “comunicação situada”), sexo (prática, “com” ou “sem” amor) e mercado (esfera onde, no senso comum, tanto o amor e o sexo se corrompem). Estudos como os de Adriana Piscitelli (2007, 2008) e Jordi Roca i Girona (2007), que tomam por objeto a circulação de pessoas em relações sexuais e amorosas por um mundo globalizado e profundamente desigual, mostram como as emoções e sentimentos fazem

parte de contextos discursivos e materiais aos quais as pessoas se adaptam ou que as pessoas interpretam e reinterpretem para torná-los mais consistentes com seus próprios projetos e necessidades.<sup>11</sup>

Com espírito parecido, as autoras e os autores do livro, *Love and Globalization: transformations of intimacy in the contemporary world* (Padilla et alli, 2007) avançam a necessidade de uma “economia política do amor”, que por princípio rompe com quaisquer tentativas de localizar a esfera emocional ou sentimental à uma distância confortável dos fenômenos “macroestruturais”. Muito pelo contrário, torna-se um fértil terreno para apreciar os efeitos do “macro” no cotidiano, nas trajetórias e experiências das pessoas. Entre as perguntas que emergem, encontramos muitas indicações para pesquisar e refletir sobre os nexos que se estão tecendo entre formas de sentir, práticas amorosas e novas possibilidades de mobilidade – de pessoas e discursos; de sentimentos e práticas que “circulam como mercadorias” com uma nova intensidade e imbricação:

[...] quais os novos vocabulários que emergem – para a amizade, a intimidade sexual ou o romance – da recombinação criativa de formas culturais de proveniências diferentes – processos que são facilitados por tecnologias de comunicação como a Internet? Como é que os desejos, prazeres e emoções circulam como mercadorias no mercado global? De que maneira os processos econômicos características das economias contemporâneas moldam a aceitabilidade de expressões públicas e privadas da intimidade sexual e a maneira em que a sexualidade é retratada e reproduzida na mídia global? (2007: x)

Entre os encontros e desencontros mais marcantes neste cenário, são os que unem (e separam) pessoas do Norte e do Sul global. Exemplificando a abordagem metodológica que derruba mitos ou ideologias de pureza ou oposição e de rumos fixos ou processos lineares, Norte e Sul se relacionam por meio de complexas estruturas de desigualdades socioeconômicas e “diferenças culturais” – mas o resultado destes processos não estão dados, de antemão, por hierarquias (sejam estas entre regiões, gêneros, classes etc). “Estruturas” e “experiências íntimas” se influenciam mutuamente e as pessoas por vezes respondem de maneiras criativas que manipulam ou subvertem hierarquias e formas profundamente desiguais de distribuição de recursos. E entre as fronteiras borradas,

11 Piscitelli, por exemplo, discute as estratégias de brasileiras que queiram deixar o país e procurar uma vida melhor fora, e como a relação com homens europeus podem entrar nesta equação; os repertórios/imaginários culturais e expectativas em relação ao “Outro” produzem um choque interessante no estudo que Roca i Girona faz sobre tentativas de relacionamento entre homens espanhóis e mulheres de países da América Latina.



estão as que traçam uma fronteira entre o que se faz “por amor” e o que se faz “por dinheiro”.

O livro *Love and Globalization* reúne vários exemplos de estudos antropológicos e etnográficos que iluminam o argumento sobre as tênues fronteiras entre o que se faz “por amor ou por dinheiro”. O artigo de Elizabeth Bernstein trabalha em cima de uma concepção histórica sobre a prostituição, os espaços físicos, sociais e emocionais que ocupa em diferentes épocas. No atual cenário pós-moderno, a prostituição, deslocada agora de bairros, distritos e ruas particulares onde era mantida, por meio de mecanismos formais e informais de controle social, transborda barreiras e se distingue por uma nova relação de proliferação e expansão de espaços, nos vários sentidos da palavra. Notável neste sentido é sua presença através do mundo virtual, e como este a sua vez produz novas possibilidades de encontros diversos em espaços físicos diferentes, mas o argumento mais forte diz respeito à erosão do que pensamos como as antigas fronteiras entre (sexo) público e amor-intimidade (privados) e o tipo de necessidades que supostamente seriam satisfeitas nestas esferas.

Bernstein baseia seu argumento de que há hoje em dia, junto ao sexo pago, uma demanda por serviços de “amor temporário” (“*temporary love*”) que representa uma experiência de “*bounded authenticity*” [ao contrário de uma simples “descarga de tensão sexual”]. Nisto ela detecta um tipo particular de sociabilidade, que diverge de uma lógica clássica de vida construída a partir do ir e vir entre trabalho e ninho familiar e (na melhor das hipóteses) certo usufruir do contraste entre cada ambiente. Há elementos diferentes nesta história, mas é importante apontar que ela é refratária a um outro tipo de discurso sobre a vida pós-moderna como “a culpada” da *falta de conexão* entre as pessoas. Sobre os seus informantes, Bernstein relata: “Muitos dos clientes [de serviços íntimos] que eu entrevistei descreviam uma preferência por uma vida construída através de viver sozinho, [viver] a intimidade através de amizades próximas e [viver a sexualidade] através de encontros sexuais comerciais pontuais e cuidadosamente circunscritos”. (193) Para avançar a ideia de um novo modo de vida que certas pessoas (principalmente mas não exclusivamente de sexo masculino) estariam adotando hoje, ela cita o estudo de Holzman e Pines, que argumentam de forma parecida que o que os clientes compram na transação da prostituição é a fantasia de um encontro sexual desejado e vivenciado como especial ou mesmo romântico por ambos (trabalhador/a do sexo e cliente).<sup>12</sup> Então, é a partir destas

12 “It is the fantasy of a mutually desired, special or even romantic sexual encounter that clients are purchasing in the prostitution transaction – something notably distinct from a purely mechanical sex act and from an unbounded, private-sphere romantic entanglement” (193).

pesquisas que Bernstein afirma que, para os clientes, o que hoje em dia ficou denominado como a “*Girl Friend Experience*” não funciona como um “triste substituto” para uma namorada de verdade [que não conseguem obter ou manter]; o que seus clientes buscavam *era* exatamente a relação demarcada e o pagamento feito pelo serviço funciona como seu limite, e se busca exatamente isto, *o limite*. Ou seja, sexo/afeto como experiência “livre” das obrigações costumeiras.

Agora, se isto acontece, como argumenta Bernstein, num contexto em que muitas pessoas adultas vivem sozinhas – a diferença de outras épocas – pode sugerir muitas interpretações. Entre estas, podemos, por exemplo, pensar numa maior recusa atual por parte das mulheres de serem as esposas abnegadas. Ou das mulheres terem se tornado tão “pró-ativas” que realmente dá muito mais trabalho para os homens heterossexuais manter relações “de compromisso” com elas, ainda acentuando essa tal da confusão cultural dos homens frente àquilo que “as mulheres [realmente] querem”. Muitas páginas têm sido escritas neste sentido, seja na forma de crítica feminista ou, de forma geralmente caricata, em discursos midiáticos que retratam homens sofridos e acuados – o discurso vitimário, como o denominou Pedro Paulo Martins de Oliveira (1998). Com certeza, na medida de estar havendo de fato um declínio do caráter compulsório do casamento para a vida adulta, o que permite também uma maior separação, para homens e mulheres, de satisfação de necessidades sexuais, eróticas e de convívio, muitas outras formas de conjugar – e des-conjugar – estes diversos tipos de desejos e necessidades tornam-se possíveis.

Interessando-se pelas relações pessoais estabelecidas por pessoas que participam do mundo do turismo estrangeiro à República Dominicana, Denise Brennan (2007) fez opção por estudar homens e mulheres, tanto trabalhadores/as do sexo *e/* ou pessoas que trabalhavam noutros empregos no setor de serviços ao turismo. Ela discute como estes dominicanos e dominicanas vivem o “amor como estratégia” que emerge do seu interesse em estabelecer vínculos com estrangeiros – principalmente canadenses e europeus – que possam viabilizar suas fantasias migratórias. Embora a maior parte das mulheres que ela entrevistou pareça ter a clareza de que dizer que “amam” o namorado estrangeiro é um tipo de performance que se faz tendo muita consciência de suas finalidades estratégicas (e muitas deixam em evidência que sua meta principal é obter através destes homens, um futuro melhor para seus filhos), continuam desejando combiná-lo, de ser possível, com a noção hegemônica de casamento por amor. A partir daí, fica muito difícil determinar onde fica a fronteira – se há uma fronteira – entre “o que se faz por interesse o que se faz por amor” – embora esta noção de “amor” se assemelhe muito mais à noção de emoção como “comunicação

estratégica” do que a outra dimensão ressaltada por Chodorow, aparentemente menos maleável e mais ligada às experiências singulares e mais marcantes de cada um/a, nas suas primeiras e posteriores passagens pelo caminho da vida.

## Conclusão

Como disseram os autores do livro *Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World*, o amor, certamente foge de nossas tentativas de defini-lo, mas é uma grande “lente para a análise social”. Possui o potencial de nos revelar muito sobre o que somos hoje em relação a outra época, sobre as relações de poder que continuam marcando e por vezes definindo nossa existência, sobre processos de construção da subjetividade e também sobre os discursos que se produzem e circulam pelas sociedades atuais e como as hierarquias sociais de diversos tipos se afirmam. De maneira parecida, quando “cruzamos” amor e dinheiro, o potencial de penetrar na profundidade das dinâmicas e relações sociais que nos mantém presas provavelmente corre paralelo ao grau de confusão e ideias preconcebidas, isto é, as dificuldades e às armadilhas de *tentar pensá-las*.

Nas páginas anteriores, tentei indicar um possível caminho para reabrir antigas dicotomias que permeiam tanto as ciências sociais quanto o senso comum, mostrando como, particularmente num mundo tão profundamente desigual onde as relações sociais continuam tão predominantemente mediadas e marcadas pelo mercado, qualquer pensamento que reforce binômios que colocam de um lado amor e afeto e de outro, cálculos de interesse, ou que sustentem a tese de “duas lógicas” claramente diferentes para o mercado e para a vida íntima, correm muito risco de reforçar – conscientemente ou não – processos de normalização promovendo alguns tipos de relacionamentos e sociabilidades, ao mesmo tempo que varre outros imediatamente para o campo do estigma, desvalorização, abjeção.

As muitas pesquisas e discussões novas que vão iluminando os diversos sentidos em que vivemos nossas “vidas conexas” se abrem para a infinita possibilidade de objetos de estudo. Desde o casamento “convencional” da qual uma ampla literatura – desde as feministas e anarquistas do final do século XIX até a sociologia da família das últimas décadas do século XX – detecta dinâmicas de troca de sexo e cuidado por sustento material, até os estudos sobre populações estigmatizadas pela maneira em que vivem e reproduzem trocas não muito diferentes daquelas.

Podemos falar sobre dinheiro, amor e relações de poder no casamento, ou como algumas prostitutas se esforçam para manter suas relações “íntimas” afastadas do lugar de onde vendem sexo por dinheiro, ou como algumas pessoas hoje em dia compram não tanto sexo senão intimidade (*the girlfriend experience*). Por outro lado, as relações podem incluir cálculo de interesse de muitos tipos, nem sempre mediados pelo dinheiro. Não se trata de defender “relações instrumentalizadas” ou “relações de afeto mais puras” senão apontar para a diversidade de possibilidades e trabalhar para que – num mundo mais igualitário – possam florescer sujeitos, desejos, experiências e pessoas que se reconheçam. *De perto, ninguém é normal*. De perto, as lógicas se entrecruzam. Num mundo mais igualitário e menos mercantilizado, talvez as sociabilidades tomem rumos hoje inimagináveis.

## Referências

- ABU LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine, Introduction: Emotion, Discourse and the Politics of Everyday Life. In: LUTZ, Catherine and ABU LUGHOD, Lila, orgs. *Language and the Politics of Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. pp.1-23.
- BENJAMIN, Jéssica. *The Bonds of Love: Psychoanalysis, feminism and the Problem of Domination*. New York: Pantheon Books, 1988.
- BERNSTEIN, Elizabeth. Buying and Selling the “Girlfriend Experience”: the Social and Subjective Contours of Market Intimacy. In: PADILLA, Mark B., HIRSCH, Jennifer S., MUÑOZ-LABOY, Miguel, SEMBER, Robert E. e PARKER, Richard G., *Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World*, Nashville: Vanderbilt University Press, 2007, pp.186-202.
- BRENNAN, Denise. Love Work in a Tourist Town: Dominican Sex Workers and Resort Workers Perform at Love. PADILLA, Mark B., HIRSCH, Jennifer S., MUÑOZ-LABOY, Miguel, SEMBER, Robert E. e PARKER, Richard G., *Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World*, Nashville: Vanderbilt University Press, 2007. pp. 203-225.
- CANCIAN, Francesca. *Love in America: Gender and Self-Development*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.
- CANTOR, Norman. *The American Century: Varieties of Culture in Modern Times*. New York: Harper Perennial. 1997.
- CASTELLANOS, Rosario. *El Eterno Femenino*. México, Fondo de Cultura Económica. 1975.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

- CHODOROW, Nancy. *The Power of Feelings: Personal Meaning in Psychoanalysis, Gender, and Culture*. New Haven: Yale University Press, 2001.
- CHODOROW, Nancy. *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. Berkeley: University of California Press, 1999.
- COSTA, Sergio. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos Estudos* (73) São Paulo: CEBRAP, 2005, pp. 111-124.
- EHRENREICH, Barbara e HOCHSCHILD, Arlie R. *The Global Woman: Nannies, Maids and Sex Workers in the New Economy*. New York: Holt Paperbacks, 2004.
- FINEMAN, Martha Albertson. *The neutered mother, the sexual family, and other twentieth century tragedies*. New York: Routledge, 1995.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. New Haven: Harvard University Press, 1982.
- GOLDMAN, Emma. *Anarchism and Other Essays*. Second Revised Edition. New York & London: Mother Earth Publishing Association, 1911. pp. 233-245.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell e MACHUNG, Ann. *The Second Shift*. London: Penguin Books, 2003.
- ILLOUZ, Eva. *Consuming the Romantic Utopia: Love and the Cultural Contradictions of Capitalism*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1997.
- LUHMANN, Niklas. *Love as Passion: The Codification of Intimacy*. Stanford: Stanford University Press, 1998.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. Discursos sobre a masculinidade. *Revista Estudos Feministas* (6:1) Rio de Janeiro, 1998, pp. 91-112.
- PADILLA, Mark B., HIRSCH, Jennifer S., MUÑOZ-LABOY, Miguel, SEMBER, Robert E. e PARKER, Richard G., *Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2007.
- PISCITELLI, Adriana G. Corporalidade em Confronto: Brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. (22:64) São Paulo: ANPOCS, 2007, pp. 17-32.
- PISCITELLI, Adriana G. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: *Sociedade e Cultura – Revista de pesquisas e debates em ciências sociais* (11) Goiânia: UFG, 2008, pp. 263-274.
- REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções In: *Mana* (v.8, n.2) Rio de Janeiro, Museu Nacional – UFRJ, 2002, pp. 68-89.
- RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality In: Vance, Carol S., *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Boston/London/Melbourne/Henley: Routledge and Kegan Paul, 1984, pp 267-319.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex. In: REITER, Rayna. *Towards an Anthropology of Women*. New York, Monthly Review Press, 1975, pp. 157-210.

ROCA I GIRONA, Jordi. Amores Lejanos, Amores Posibles. *ST 23. Parentalidades, amor e conjugalidades no Brasil Contemporâneo*. Caxambu, 31º. Encontro da ANPOCS, 2007.

WEEKS, Jeffrey. *The World We Have Won*. New York, Routledge, 2007.

ZELIZER, Viviana. *The Purchase of Intimacy*. Princeton/Oxford, Princeton University Press, 2005.

**Como citar este artigo:**

ADELMAN, Miriam. Por amor ou por dinheiro? Emoções, Discursos, Mercados In: *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 117-138.